

A avaliação de curto e de longo prazo¹

José Manuel Moran²

Estamos acostumados a focar, na educação, a avaliação intelectual de curto prazo: a compreensão de leituras, idéias e o desenvolvimento de algumas competências. Sem dúvida essa avaliação, se bem feita, contribui para dar-nos uma radiografia do que aprendemos a curto prazo.

Mas a avaliação que vale a pena, a realmente significativa é a que acontece a longo prazo: a que mostra, depois de alguns anos, o que realmente aprendemos, o que praticamos daquilo que aprendemos e se somos pessoas mais interessantes, abertas, coerentes e realizadas.

A avaliação de longo prazo nos mostra se evoluímos como pessoas mais abertas ou fechadas, mais acolhedoras ou egoístas, mais curiosas ou acomodadas, mais realizadoras ou repetidoras, mais coerentes entre teoria e a prática ou mais incoerentes. Podemos ter evoluído em uns campos mais do que em outros. Seremos empreendedores em negócios e infantis emocionalmente; brilhantes em análises sociais e ruins nas práticas correlacionadas; hábeis em negociar e incoerentes moralmente.

A avaliação de longo prazo pode mostrar-nos ***o grau de integração e coerência entre a aprendizagem intelectual, a emocional e a ética***. Se compreendemos mais profundamente a nós mesmos e aos outros; se relacionamos melhor alguns campos do conhecimento e os incorporamos às nossas vivências, procedimentos e práticas no cotidiano; se evoluímos também emocionalmente, tornado-nos pessoas mais abertas, confiantes, acolhedoras; se evoluímos também eticamente, mantendo maior coerência entre o que pensamos e o que praticamos.

Alguns critérios podem nortear a avaliação de aprendizagem de longo prazo:

1) Gosto crescente por ler, observar, conhecer. Capacidade maior de compreender e de relacionar o que vemos, lemos e ouvimos.

Pode ser resumido nesta pergunta: Gosto cada vez mais de conhecer (idéias, pessoas...)?

2) Maior relação e coerência entre compreensão e ação, entre teoria e prática.

Pergunta: O que construí com o que li e aprendi?

¹ Texto originalmente disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/prazo.htm>

² *Especialista em Educação, Comunicação e Tecnologias*

3) Capacidade maior de acolhimento, de comunicação, de interação com os outros?

Pergunta: Sou uma pessoa mais aberta, produtiva, ética e realizada?

Nestes critérios de longo prazo creio que temos inúmeras deficiências (que não dependem só da escola). Sinto que muitas pessoas, de alguma forma, se inibem diante da aprendizagem, não acreditam no seu potencial de evolução, na sua capacidade de avançar além do previsível. Muitas se contentam com a aprendizagem “profissional”, a que é exigida para melhorar a empregabilidade, o salário, mas não vão além, não se interessam por novos campos, não pesquisam novos caminhos, esperam que o mundo mude para mudar junto ou depois.

Todos conhecemos profissionais extremamente competentes intelectualmente, brilhantes palestrantes, mas com uma total esquizofrenia em relação à prática, à vida, aos valores. Muitos aprendem só intelectualmente e não vivencialmente. São relativamente poucas as pessoas pró-ativas e apaixonadas na aprendizagem, que vão além do que se espera oficialmente delas, que estão sempre atentas a tudo e que fazem uma ponte contínua entre pensamento e ação, reflexão e prática.

A educação tem focado mais os resultados do conhecimento intelectual e descuidado os resultados na evolução emocional, na motivação de vida, na postura ética, deixando-as como algo que cada um deve procurar pessoalmente. A educação emocional e ética também precisam ser focadas mais, junto com a intelectual e também pode ser ensinadas, construídas e incentivadas.

Um dos maiores prazeres que a vida nos oferece é o de manter vivo o entusiasmo pela aprendizagem contínua, pelo conhecimento abrangente, dinâmico e integrado. Aprendemos mais quando encontramos algo que nos motiva profundamente, que nos estimula intimamente, que dá sentido a nossos pensamentos e ações. As pessoas mais interessantes e mais profundas que conheci até hoje eram muito curiosas, motivadas, acolhedoras e simples.

Aprender a viver não precisa ser um slogan, mas um direcionamento fundamental para a nossa realização pessoal e social. Gostar muito de aprender se correlaciona profundamente com gostar de viver. Viver para aprender, e aprender a viver, em simbiose contínua e rica. Os que permanecem nessa atitude, nunca se aposentam de aprender e nunca desistem de viver. Essa é a maior das aprendizagens, e onde a educação escolar pode desempenhar um papel mais relevante e explícito: Ajudar a que cada pessoa acredite em si, desenvolva sua auto-estima, suas melhores qualidades, uma maior consciência em relação à ela mesma, aos demais e a tudo o que nos rodeia, num processo cada vez mais aberto e afetivo e coerente.